

GRUPO

Rua Edu Vieira volta à estaca zero

• UFSC exige novo projeto para a duplicação e propõe seis meses para estudos.

• Vice-prefeito diz que se instituição insiste em novo projeto, então, que apresente um.

• Deputado Marcos Vieira quer revogar cessão de área do Estado para UFSC. Páginas 4, 5 e 23

UFSC quer 'pensar a cidade'

Edu Vieira. Conselho propõe criar comissão para apresentar novo projeto em seis meses

FLORIANÓPOLIS — Desta vez, o vice-prefeito João Batista Nunes, que também responde pela Secretaria Municipal de Transporte, Mobilidade e Terminais, não esteve presente na reunião do Conselho Universitário da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) que discutiu a cessão do terreno para a duplicação da rua Deputado Antônio Edu Vieira, no bairro Pantanal, mas disparou, quando soube que a instituição condiciona a liberação da área de 18 mil metros quadrados à elaboração de um novo projeto para a obra: "Se eles acham [o projeto] incompleto, que apresentem outro".

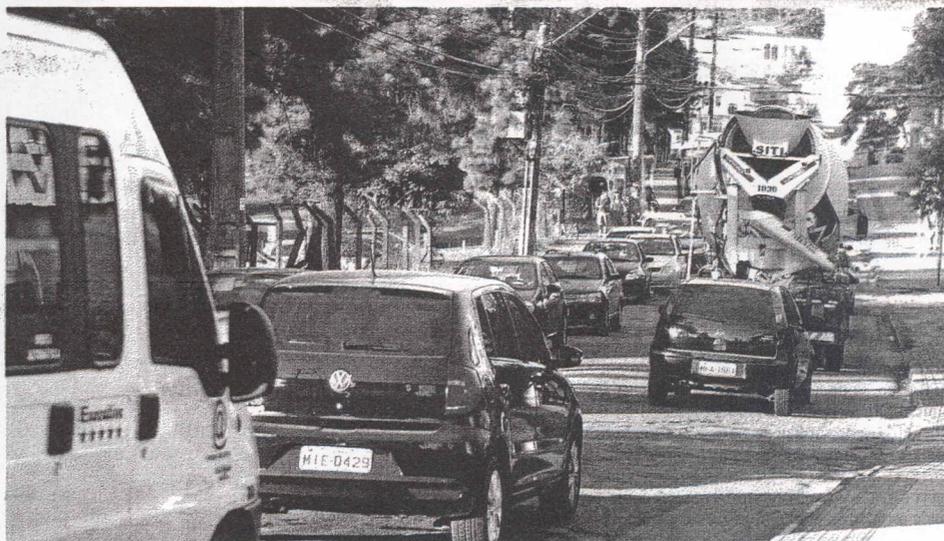
Enquanto o vice-prefeito mantém o discurso beligerante, o conselho propõe a formação de uma comissão constituída pela Prefeitura de Florianópolis, pela UFSC e por representantes dos bairros próximos para, dentro de seis meses, apresentar uma nova proposta, a ser construída a partir de um debate que envolva a comunidade universitária e os moradores do entorno da instituição. Na manhã de ontem, o conselho aprovou um parecer misto dos conselheiros Juarez Vieira do Nascimento (relator) e Sérgio Luis Schlatter Junior (relator de vistas) que admite ceder a faixa de terra ao lado da via a ser alargada, desde que o município atenda a alguns requisitos básicos.

"A UFSC está disposta a ceder a área a partir da elaboração de um novo projeto onde nós, enquanto instituição de ensino, pesquisa e extensão, possamos contribuir, colocando à disposição da cidade nosso conhecimento para pensar um projeto que de fato vá melhorar a mobilidade urbana de Florianópolis", diz o parecer.

Muitos conselheiros ressaltaram a contribuição que os especialistas da universidade podem dar não apenas à duplicação do trecho, mas a todo o sistema viário da Capital.

De sua parte, o secretário João Batista Nunes sustenta que o projeto é completo, foi discutido com a comunidade e que, ao não aceitá-lo como foi apresentado, a universidade tomou uma "decisão intransigente".

Reação imediata. Vice-prefeito João Batista Nunes diz que ao rejeitar projeto da prefeitura para o alargamento da via a Universidade Federal tomou uma "decisão intransigente"



Gargalo. Rua Deputado Antônio Edu Vieira, que vai da universidade até o Saco dos Limões, recebe cerca de 37 mil veículos por dia

Futura reitora se diz preocupada com futuro da Ilha

Seja nos debates do conselho, ficou claro que a UFSC quer fazer mais do que ceder a faixa de um quilômetro de extensão — quer discutir melhor a obra e interferir nas discussões sobre o planejamento urbano da Capital. A futura reitora Roselane Neckel, que também é conselheira, defende que a instituição aja de forma mais

intensiva para "pensar a cidade". "Devemos nos preocupar com os destinos de Florianópolis", afirmou. Já o conselheiro Alessandro Pinzani foi mais longe e propôs medidas para "evitar o desastre urbanístico e ambiental" que a prefeitura está promovendo. "Somos um centro de pesquisa e conhecimento, podemos ajudar a cidade a sair dessa situação".

No final da sessão, o reitor Alvaro Toubes Prata afirmou que a decisão do conselho "foi tomada com muita legitimidade". Ele disse que a Universidade vem dando um bom exemplo ao se expandir para outras partes da Ilha, como a Ressacada, o Itacorubi e o Sapiens Parque, onde será implantado o Instituto de Petróleo e Gás.

Vice-prefeito defende melhorias imediatas na via

Ouvido na tarde de ontem pela reportagem do ND, o vice-prefeito João Batista Nunes demonstrou estar com pressa para reduzir os congestionamentos na rua Deputado Antônio Edu Vieira. "Temos que resolver os problemas da região", afirmou. "Estamos abertos para o diálogo, mas quero ver na prática

[como funciona]", completou.

Ele confirma que passam pela via, todos os dias, 37 mil veículos, e também garante que a prefeitura realizou um estudo relacionado à poluição na região. "Quanto tempo as pessoas aguardam no trânsito respirando monóxido de carbono?", perguntou.

Nunes também confirma a intenção de realizar imediatamente obras de esgoto e cobrir a via com uma camada de asfalto, além de melhorar as calçadas. Mas não falou sobre a ideia de criar uma comissão na qual a prefeitura discutiria com a UFSC e a comunidade uma nova proposta para o alargamento da rua.

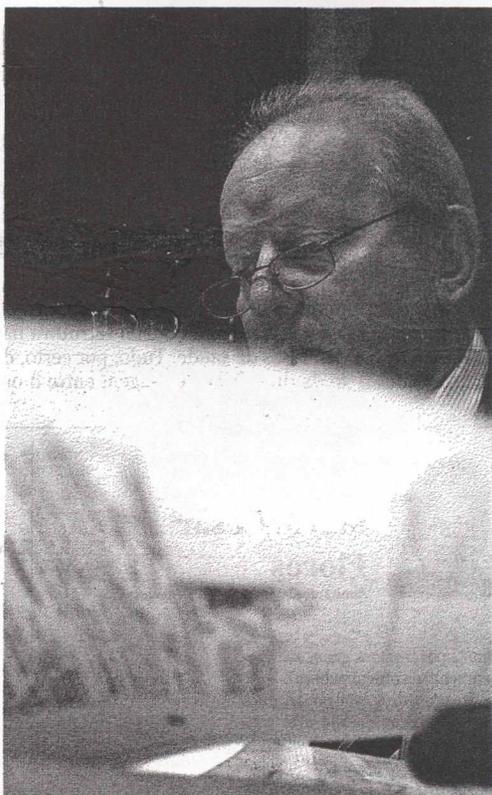
Marcos Vieira — deputado estadual

ENTREVISTA

Deputado quer área de volta

JOÃO MEASSI
joao@noticiasdodia.com.br
@joao_ND

Mais lenha na fogueira da polêmica cessão do terreno da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) para duplicar a rua deputado Antônio Edu Vieira. O deputado Marcos Vieira (PSDB) vai pedir de volta imóvel que Estado doou a UFSC para depois transferi-lo à Prefeitura de Florianópolis que precisa duplicar a rua localizada no Bairro Pantanal. Na terça-feira, o deputado apresenta projeto de lei pedindo a reversão da doação aprovada em 20 de maio de 2004. Segundo o deputado, o Estado já cedeu 800 mil metros quadrados à UFSC em quatro áreas da Ilha: Tapera, Trindade, Itacorubi e Barra da Lagoa. Ele diz que o governo federal não tinha um metro quadrado para instalar a UFSC. A Universidade foi sendo instalada em áreas doadas pelo governo e por particulares. Com a UFSC, a área passou de rural à urbana.



Mobilidade. Marcos Vieira quer que UFSC devolva terrenos ao Estado

DEBORA KEMPINSKI

Como o senhor vê essa relutância do Conselho Universitário da UFSC em não ceder o terreno. É um entrave político, ideológico? O Conselho Universitário da UFSC quer ser professor de Deus. Só respondendo isso: professor de Deus. Ou seja: querem ser maiores do que a população de Florianópolis e do que as autoridades constituídas do Estado.

Como será feito o processo de devolução ao Estado do terreno doado à UFSC?

Será feito por meio de projeto de lei ordinária no sentido de revogarmos parte da lei que doou tudo para a UFSC. Até porque o terreno que a Prefeitura reivindica não foi ocupado com qualquer edificação. Não precisa demolir nada.

Essa sua decisão de propor a reversão da cessão do terreno para a UFSC não vai colocar mais lenha na fogueira da polêmica?

Ao Legislativo de Santa Catarina cabe legislar. E em 2004, ele legislou em favor da UFSC, quando aprovou a transferência de vários terrenos à instituição federal. E agora ele pode legislar em favor da cidade de Florianópolis.

Há quanto tempo está esse embaraço?

Já vai para dez anos. Desde o governo Angela Amin. Ela contraiu um empréstimo com a agência de fomento Fonplata. Obteve os recursos para fazer a duplicação, inclusive outras desapropriações e infelizmente ficou emperrado por birra da UFSC.

E nesses dez anos o que o senhor fez em prol da duplicação?

O meu primeiro discurso aqui na Assembleia eu falei nos gargalos. O acesso à Florianópolis. A SC-405, que vai para o Sul Ilha, a SC-404, que vai para o Leste da Ilha, a SC-401, que foi resolvido, e a duplicação da deputado Edu Vieira. E falava da falta de cooperação da UFSC quanto a construção do novo aeroporto de Florianópolis. São seis situações. Delas a Universidade tem participação direta e não quer contribuir.

O senhor faz parte do mesmo partido do vice-prefeito João Batista Nunes, que é também

secretário municipal de Transportes. O que o senhor faz é um gesto solidário ao João Batista?

Não tenho dúvida nenhuma. Estou a favor da população ajudando a exigir da UFSC que faça

a doação ao município dos 18 mil metros quadrados que precisa para desafogar o trânsito.

Quando o Estado de Santa Catarina já doou para a UFSC desde a sua instalação?

São quatro grandes lotes, um lote com um pouco mais de 300 mil metros quadrados onde hoje está instalado o campus da universidade da Trindade, 190 mil metros quadrados no bairro do Itacorubi e cerca de 300 mil metros quadrados na Tapera. E mais 190 mil metros quadrados na Barra da Lagoa. Um total de quase um milhão de metros quadrados dentro da Ilha de Santa Catarina. É muita terra. É muito terreno. E deses, quando fui secretário da Administração, eu regularizei cerca de 500 mil metros quadrados atendendo um pedido

do reitor Francisco Pinto da Luz que encaminhou pedido ao governador.

Como foi o processo de doação da área da Tapera para criar o Centro de Ciências Agrárias cujo terreno voltou para o Estado fazer mais uma pista do aeroporto Internacional Hercílio Luz?

É outra situação. A UFSC recebeu aquela área do governo do Estado, não construiu o Centro de Ciências Agrárias. O Estado precisa construir o novo aeroporto internacional em parceria com a Infraero e a UFSC está exigin-

do uma indenização do Estado para ceder a área a Infraero. Eu acho isso um absurdo. Nós, catarinenses, temos que pagar essa conta para a instituição federal que recebeu 800 mil metros quadrados de área só na Ilha, sem contarem outras regiões do Estado.

Qual o valor da indenização que a UFSC está pedindo para o terreno da Tapera onde será construída a nova pista do aeroporto?

A indenização é por intermédio de permuta de outros imóveis do governo do Estado. E o governador já mandou o projeto para a Assembleia Legislativa. Esse projeto já foi aprovado pelos deputados. Infelizmente.

O senhor acha que essa situação é uma submissão do Estado ao governo federal que entra na Ilha e diz o que tem que fazer?

Não vou afirmar que é do governo federal. É única e exclusivamente culpa do Conselho Universitário que não quer contribuir para o desenvolvimento de Florianópolis. E mais: se não fosse a UFSC na Trindade, nós não teríamos o caos de mobilidade na área. A cada ano são seis mil novos alunos. Então, a própria universidade tem que cuidar da sua mobilidade interna, tem que cuidar da mobilidade fora do campus porque ela é uma das grandes responsáveis pelo caos da mobilidade urbana.

Mas o Conselho Universitário utiliza o argumento que a UFSC não é culpada pelos congestionamentos na região.

É de um conjunto de fatores, inclusive da própria instituição. Até porque há reclamação dos próprios alunos que para sair de um centro tem que pegar o contorno externo para ir a outro centro educacional dentro da própria instituição. Então a UFSC não confia da parte interna e também não ajuda a Prefeitura e o governo do Estado a cuidar da parte externa.

Quando o senhor foi secretário de Estado da Administração, no governo LHS, o que foi feito no sentido de regularizar as transferências nos terrenos pertencentes ao Estado e doados para a UFSC?

Todos os terrenos, ou seja: mais de 500 mil metros quadrados conseguimos regularizar, efetivar, concretizar e regularizar as transferências.

O que o senhor vai propor na Assembleia Legislativa?

Vou propor um projeto de lei para fazer a reversão ao Estado de todo o terreno necessário para que a Prefeitura de Florianópolis possa fazer a duplicação da rua deputado Antônio Edu Vieira.

“
Se não fosse a UFSC na Trindade, nós não teríamos o caos de mobilidade na área.
”

21/03/2012

Pinguela

Rua Antônio Edu Vieira, tantos anos duplamente órfã – da prefeitura e da universidade – ganhou ornamento digno do melhor urbanismo da Idade Média. Quem revela é um atento morador, chamando atenção para um “providencial” pontilhão de madeira toscamente escorado por dois barrotes. Travessia para “pedestre” que substitui a pontezinha de cimento que soçobrou na esquina da “Padaria do Tio” com o edifício Athenas. Os passantes se equilibram sobre o rústico artefato, que merece um “flagrante”.

Para construí-lo, não foi necessário nenhum estudo de “impacto ambiental” ou de “perigo para as pernas da vizinhança”.

Diário Catarinense-Sérgio da C.Ramos

Um passo à frente para reduzir caos no Pantanal

“Vale ressaltar que a UFSC está disposta a ceder a área a partir da elaboração de um novo projeto onde nós, enquanto instituição de ensino, pesquisa e extensão, possamos contribuir, colocando à disposição da cidade nosso conhecimento para pensar um projeto que de fato vá melhorar a mobilidade urbana de Florianópolis”, diz o parecer aprovado ontem pelo Conselho Universitário da instituição, que estabeleceu o prazo de seis meses para que a prefeitura apresente um projeto de alargamento da Rua Deputado Antônio Edu Vieira. O vice-prefeito de Florianópolis, João Batista Nunes, que está acompanhando o caso de perto, observou-me: “Será muito bom que a UFSC elabore o projeto e o apresente à prefeitura. Com essa contribuição, ganharemos tempo e teremos uma solução muito mais rápida”. João Batista anunciou também que, independente do projeto, a prefeitura vai iniciar obras de melhorias na via: no trecho entre o trevo da Dona Benta e o da Eletrosul haverá recuperação integral do pavimento (novo recapeamento asfáltico). No trecho entre a Eletrosul e o Armazém Vieira, a prefeitura fará obras de saneamento, em conjunto com a Casan. “Adiantaremos os trabalhos”, comentou o vice-prefeito comigo, ontem à tarde.

Notícias do Dia-Carlos Damião

EDU VIEIRA

UFSC nega terreno para duplicação

Universidade dá prazo de seis meses para a prefeitura apresentar novo projeto para a obra

ROBERTA KREMER

O Conselho Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) decidiu, ontem, não ceder os 18 mil metros do terreno da entidade, no Bairro Pantanal, para duplicar a Rua Deputado Edu Vieira, em Florianópolis.

tado como uma afronta e quer que a UFSC faça o novo plano sozinho. A UFSC exige estudos de impacto ambiental, de impacto de vizinhança e origem e destino de viagem. Outra preocupação apontada é sobre as garantias de verbas para a obra. A prefeitura teria garantido até agora apenas R\$ 6 milhões dos R\$ 36 milhões necessários para o sistema previsto no projeto.

O vice-prefeito e secretário de Transportes e Terminais, João Batista Nunes, lamentou a decisão do Conselho Universitário da UFSC. Ele não concorda com as justificativas da universidade para negar a cessão do terreno. Conforme Nunes, o projeto foi discutido com a comunidade desde 2003. Ele afirma que a prefeitura se



Florianópolis UFSC diz não sobre terreno

Universidade Federal pede à prefeitura outro projeto para obra na Antônio Edu Vieira. Página 21

Enquanto prefeitura e universidade federal não chegam a um acordo, motoristas seguem enfrentando filas

colocou à disposição da universidade para discutir a proposta, mas nunca teria sido chamada.

— Se a UFSC não aprovou nossa proposta, então que faça o projeto e apresente para a prefeitura aprovar. Lanço um desafio: não deem aula um dia para depois discutirmos quem gera os engarrafamentos na região — salienta o vice-prefeito. Conforme o parecer, assinado pelo

professor Juarez Vieira e pelo aluno Sérgio Schlatter Jr, o grande fluxo de carros na região não seria gerado só pela UFSC, mas também pela implantação de um shopping center e autorizações para a construção de outros empreendimentos.

Nunes questiona o porque a universidade, que tem autonomia sobre sua área na região entre a Trindade e o Pantanal, não debate com a comu-

nidade as obras que faz no seu campus e nem apresenta estudos de impacto de vizinhança de seus prédios.

A Pró-Reitoria de Infraestrutura rebateu, informando que nos últimos quatro anos os projetos referentes aos prédios da UFSC foram encaminhados aos órgãos de fiscalização municipal.

Inovação

A Fundação Certi, em parceria com o Massachusetts Institute of Technology (MIT), promove congresso internacional de inovação dias 29 e 30 deste mês, no Costão do Santinho, em Florianópolis. O evento terá apenas palestrantes do MIT, um polo de excelência e inovação industrial, é para um grupo seleto de empresas.

Diário Catarinense-Estela Benetti

Livros - Aberta ao público, a Feira de Livros da Editora UFSC funciona de segunda a sexta-feira, das 8h30min às 19h, com extensão do horário nas quartas-feiras até as 20h30min. A mostra vai até o 4 de abril, em uma tenda coberta na Praça da Cidadania. A editora está expondo com até 70% de desconto 1,8 mil títulos e cerca de 20 mil exemplares.

• **Ditadura** - O Memorial de Direitos Humanos da UFSC e o Coletivo Catarinense Memória, Verdade e Justiça promovem, hoje, às 19h, o seminário Assassinados pela ditadura: Santa Catarina. O encontro será no Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), e é gratuito e aberto à comunidade. Informações: everhenn@ig.com.br.

Diário Catarinense-Servico

“Uma cidade não se constitui apenas de elevados e ruas, mas também de música, poesia e produção cultural.”

DÁRIO BERGER

Prefeito de Florianópolis, em discurso durante a abertura da Conferência Municipal de Cultura, segunda-feira, no Centro de Cultura e Eventos da UFSC. Só levou quase oito anos para perceber isso. Na mesma conferência, que encerrou ontem, Dário lançou os esperados editais do Fundo Municipal de Cultura, sendo que as inscrições abrem em maio (de 4 a 11).

Diário Catarinense-Marcos Espindola

NO RIM



Leitor escreve para reclamar da falta de estrutura enfrentada

pelos pacientes renais crônicos para fazerem a hemodiálise nos hospitais de Florianópolis. Ele relata que os principais – HU, Caridade e Celso Ramos – estão superlotados e com falta de profissionais para atendimento, provocando um jogo de empurra.



São cerca de 450 pacientes renais crônicos somente na Grande Florianópolis para cerca de 60 máquinas de hemodiálise. Como são necessárias pelo menos três sessões por semana para garantir uma sobrevida de qualidade às pessoas, a conta simplesmente não fecha. E a demanda aumenta diariamente, dizem os médicos.

Diário Catarinense-Visor

MUTIRÃO

Zulmar Accioli, presidente regional da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, comemora o sucesso da participação catarinense no Mutirão de Reconstrução Mamária, ação voluntária que ocorreu simultaneamente no país todo durante a semana passada.

Em Floripa, teve até cirurgião de Angola, vindo por conta própria só para a ocasião. Luis Gustavo Ferreira da Silva, ex-aluno de Accioli na residência em cirurgia plástica da UFSC, colabora com projetos humanitários a exemplo do professor, que esteve sete vezes no Oriente Médio para operar feridos na Palestina.

Diário Catarinense-Juliana Wosgraus

JORNAL da CIÊNCIA

e-mail

Terça-Feira, 20 de março de 2012

4. Melhor saída ao Código Florestal, artigo de José Eli da Veiga

Com o imprescindível rearranjo da base parlamentar do governo, não há como prever quando e como será revogado o quase-cinquentão "Novo Código Florestal". Se dependesse apenas de deputados favoráveis à especulação fundiária travestida de pecuária de corte extensiva, com certeza isso não passaria desta semana. Eles contariam com os votos dos inocentes úteis que sempre são solidários à agricultura, de muitos outros barganhados com mercadores fariseus dos templos evangélicos, além dos rotineiramente fisgáveis no imenso pântano de oportunistas que pouco se lixam para as consequências econômicas, institucionais e ecológicas de tão grave decisão.

Tamanha tragédia certamente seria evitada se, ao contrário, o desfecho dependesse exclusivamente da primeira presidente do Brasil, eleita com 55.752.529 votos (12 milhões a mais que o adversário) e há muito convicta de que "a vida quer é coragem", como conta o excelente livro do jornalista Ricardo Batista Amaral (Sextante, 2011). Que ninguém se iluda: a presidente fará tudo o que estiver ao seu alcance para impedir ou minimizar retrocessos, como afirma com meridiana clareza sua firme resposta à carta aberta que a ex-senadora Marina Silva submeteu aos candidatos do segundo turno.

A grande ironia, contudo, é que a lei que revogará o Código não escapará de convalidar boa parte dos estragos já perpetrados aos santuários de prudência econômico-ecológica que deveriam ter sido todas as "Áreas de Preservação Permanente" (APPs). Também não poderá deixar de anistiar agricultores que tenham agido de boa fé.

O problema é que tais fatalidades não devem servir de pretexto para que especuladores imobiliários rurais sejam os principais beneficiários da atualização do Código. Então, se a racionalidade econômica tiver alguma chance de ser levada em conta, a melhor saída será uma iniciativa presidencial de garantir (por decretos ou MP) a mais clara, imediata e integral segurança jurídica aos verdadeiros estabelecimentos agrícolas que só tenham desrespeitado o Código antes de 1999, mas sem extensão para imóveis rurais de caráter especulativo. Estes é que querem ver perdoados os desmatamentos sem licença posteriores à Lei de Crimes Ambientais, que efetivou as disposições pertinentes da Constituição de 1988.

Uma vez separado o joio do trigo, certamente ficará bem menos contenciosa a obtenção de razoáveis ajustes sobre ao menos três dos principais retrocessos que foram oportunisticamente inseridos no substitutivo do Senado: 1) capim em APP como simulacro de atividade pecuária, 2) tamanho de imóvel rural no lugar de categoria de estabelecimento agrícola, e 3) inéditos incentivos à destruição de manguezais.

Dos 55 milhões de hectares roubados às APP, nada menos de 44 milhões estão cobertos de imaginárias pastagens. É inaceitável que crime tão hediondo venha a ser "consolidado". Outros 56 milhões de hectares constituem o hiato entre a área ocupada por imóveis rurais de até quatro módulos fiscais e a área dos estabelecimentos agrícolas familiares. Só minúscula parte desse hiato é de agricultura patronal de médio porte. E dos 1,3 milhão de hectares de manguezais que se estendem por 16 estados, entre Amapá e Santa Catarina, ao menos 200 mil hectares seriam detonados por salinas e criações de camarão.

Em vez de tomar consciência desses três graves atentados ao patrimônio socioambiental do Brasil, muita gente honesta andou sendo persuadida de que o substitutivo do Senado seria o menor dos males. Principalmente por influência da duvidosa aritmética do colega João de Deus Medeiros, professor do departamento de botânica da UFSC, que foi diretor do departamento de florestas do Ministério do Meio Ambiente (MMA) enquanto tramitou a chamada "reforma" do Código Florestal.

Nessa claudicante avaliação, o substitutivo do Senado levaria à recomposição florestal de 33 milhões de hectares: 18 milhões em reservas legais (RL) de imóveis com áreas superiores a quatro módulos fiscais, quase 13 milhões em APP de margens de cursos d'água (ripárias), e quase dois milhões em APP de topos de morros. Assim, em 20 anos seria parcialmente honrado o compromisso da presidente de impedir reduções de APP e RL, mesmo que com amplo indulto aos criminosos desmatamentos dos últimos 15 anos.

Essa conta nem consegue dourar a pílula, pois é de 83 milhões de hectares a área que não está em conformidade com o Código Florestal. É o que demonstram os estudos coordenados pelo colega Gerd Sparovek, da Esalq/USP. Então, mesmo que fosse admitida a saída de Poliana proposta pelo ex-diretor de florestas do MMA, a promulgação do substitutivo do Senado significaria escandalosa entrega de 50 milhões de hectares à devastação. Pior, sem significativa vantagem real a milhões de abnegados produtores agrícolas, pois o grosso dessa área está simplesmente travestido de pastagem para fazer com que tais domínios passem por estabelecimentos de pecuária de corte extensiva.

Em suma: a melhor saída é atender o clamor dos agricultores por segurança jurídica, para depois tratar a pão e água os especuladores.

JORNAL da CIÊNCIA

e-mail

Terça-Feira, 20 de março de 2012

17. UFSC e Fapesc lançam game gratuito sobre a Mata Atlântica

Direcionado a estudantes do ensino fundamental, o jogo é gratuito, com download a partir do site www.mata-atlantica.educaocerebral.org. Vem acompanhado de um guia para o professor e a escola pode solicitar capacitação para uso pelo e-mail bioma@educaocerebral.org.

De acordo com o coordenador do laboratório, o professor Emilio Takase, o desenvolvimento levou em conta a ideia de edutenimento (educação com entretenimento, diversão). Os jogadores não são adversários, mas integrantes de uma equipe e assim o game promove a relação colaborativa entre os alunos-jogadores.

Para motivar a relação colaborativa, há uma missão a ser realizada e um personagem (avatar, papagaio-de-peito-roxo) que acompanha os jogadores, dando feedbacks motivacionais (orientando o jogar e lembrando a importância do trabalho em equipe) e construtivos (acerca do conteúdo científico do game).

Takase explica que o jogo propicia aos estudantes conhecer 36 espécies de fauna associados aos ecossistemas do bioma Mata Atlântica presentes em Santa Catarina. Traz também características marcantes das paisagens desses ecossistemas e sua localização no mapa do estado.

A tecnologia educacional foi desenvolvida para oferecer qualidade ao Ensino de Ciências, já que o conteúdo bioma Mata Atlântica é previsto para ser trabalhado no ensino fundamental, de acordo com os Parâmetros Curriculares do Ministério da Educação.

O desenvolvimento teve financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc), depois que o projeto do Laboratório de Educação Cerebral foi selecionado em uma chamada pública voltada a estimular a inovação para valorizar a biodiversidade. Teve também apoio do estúdio Casthalia, ligado ao polo de desenvolvedores de jogos eletrônicos de Santa Catarina (SC-Game). (Ascom da Fapesc)

EAD é UNIP Interativa A universidade vai até você! Conheça os nossos cursos. www.unipinterativa.edu.br

PÓS a distância Estude no horário livre em sua casa Matricule-se e ganhe um netbook! www.verboeducacional.com.br

Bolsa de Estudo Colégios Bolsas de Estudo de 50% para Colégios. Inscreva-se Grátis! www.EducaMaisBrasil.com

[Anúncios Google](#)
[Ufsc](#)
[Pesquisa](#)
[Universidade Ufsc](#)
[Jogos De Gratis](#)

Jornal Agrosoft
GRÁTIS: clique aqui

Bolsa de Estudo Colégios

Bolsas de Estudo de 50% para Colégios. Inscreva-se Grátis!

www.EducaMaisBrasil.com

PÓS a distância

Estude no horário livre em sua casa Matricule-se e ganhe um netbook!

www.verboeducacional.com.br

Curso de Pós-Graduação

Biologia Molecular e Genética em Ciências da Saúde - FAMERP

www.posmolecular.com.br

Faculdade Anhanguera

Estude na Anhanguera. Cursos a Partir de R\$ 199,00.

Inscreva-se!
Vestibulares.br



Jornal Agrosoft
GRÁTIS: clique aqui

UFSC e Fapesc lançam game gratuito sobre a Mata Atlântica

Comentários :: Publicado em 20/03/2012 na seção softwares :: Versões alternativas: Texto PDF

Uma equipe de pesquisadores apoiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc) lança amanhã (20/03/12) o jogo eletrônico educativo **Mata Atlântica - o bioma onde eu moro**. A apresentação acontece a partir de 14 horas, no auditório do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



Direcionado a estudantes do ensino fundamental, o game é gratuito, com download a partir do site www.mata-atlantica.educacaocerebral.org. Ele vem acompanhado de um guia para o professor e a escola pode solicitar capacitação para uso pelo e-mail bioma@educacaocerebral.org.

O jogo teve financiamento da Fapesc, depois que o projeto do Laboratório de Educação Cerebral, ligado ao Departamento de Psicologia da UFSC, foi selecionado em uma chamada pública voltada a estimular a inovação para valorizar a biodiversidade. Teve também apoio do estúdio Casthalia, ligado ao polo de desenvolvedores de jogos eletrônicos de Santa Catarina - SC Games.

De acordo com o coordenador do laboratório, o professor Emilio Takase, o desenvolvimento levou em conta a ideia de edutainment (educação com entretenimento, diversão). Os jogadores não são adversários, mas integrantes de uma equipe e assim o game promove a relação colaborativa entre os alunos-jogadores.

Para motivar a relação colaborativa, há uma missão a ser realizada e um personagem (avatar, papagaio-de-peito-roxo) que acompanha os jogadores, dando feedbacks motivacionais (orientando o jogar e lembrando a importância do trabalho em equipe) e construtivos (acerca do conteúdo científico do game).

Takase explica que o jogo propicia aos estudantes conhecer 36 espécies de fauna associados aos ecossistemas do Bioma Mata Atlântica presentes em Santa Catarina. Traz também características marcantes das paisagens desses ecossistemas e sua localização no mapa do Estado.

A tecnologia educacional foi desenvolvida para oferecer qualidade ao Ensino de Ciências, já que o conteúdo Bioma Mata Atlântica é previsto para ser trabalhado no ensino fundamental, de acordo com os Parâmetros Curriculares do Ministério da Educação (MEC).

FONTE

Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina
Heloisa Dallanhol - Jornalista

Links referenciados

[Anúncios Google](#)
[Jogos De Gratis](#)
[Jogar Jogos](#)
[Ufsc](#)

Jornal Agrosoft
GRÁTIS: clique aqui

Submarino

TV 32" LED
Philips Full HD
Conversor e Entrada PC

Frete Grátis
Sul e SE

por R\$ 1.044,05
no boleto ou débito online

ou 12X de R\$91,58
Total a prazo: R\$ 1.099

AGROTUBE A TV do Agronegócio



Melhor saída ao Código Florestal

Terça-feira, 20 de Março de 2012, 09:22:58

Com o imprescindível rearranjo da base parlamentar do governo, não há como prever quando e como será revogado o quase-cinquentão "Novo Código Florestal".

Se dependesse apenas de deputados favoráveis à especulação fundiária travestida de pecuária de corte extensiva, com certeza isso não passaria desta semana. Eles contariam com os votos dos inocentes úteis que sempre são solidários à agricultura, de muitos outros barganhados com mercadores fariseus dos templos evangélicos, além dos rotineiramente fisgáveis no imenso pântano de oportunistas que pouco se lixam para as consequências econômicas, institucionais e ecológicas de tão grave decisão.

Tamanha tragédia certamente seria evitada se, ao contrário, o desfecho dependesse exclusivamente da primeira presidente do Brasil, eleita com 55.752.529 votos (12 milhões a mais que o adversário) e há muito convicta de que "a vida quer é coragem", como conta o excelente livro do jornalista Ricardo Batista Amaral (Sextante, 2011). Que ninguém se iluda: a presidente fará tudo o que estiver ao seu alcance para impedir ou minimizar retrocessos, como afirma com meridiana clareza sua firme resposta à carta aberta que a ex-senadora Marina Silva submeteu aos candidatos do segundo turno.

A grande ironia, contudo, é que a lei que revogará o Código não escapará de convalidar boa parte dos estragos já perpetrados aos santuários de prudência econômico-ecológica que deveriam ter sido todas as "Áreas de Preservação Permanente" (APP). Também não poderá deixar de anistiar agricultores que tenham agido de boa fé.

O problema é que tais fatalidades não devem servir de pretexto para que especuladores imobiliários rurais sejam os principais beneficiários da atualização do Código. Então, se a racionalidade econômica tiver alguma chance de ser levada em conta, a melhor saída será uma iniciativa presidencial de garantir (por decretos ou MP) a mais clara, imediata e integral segurança jurídica aos verdadeiros estabelecimentos agrícolas que só tenham desrespeitado o Código antes de 1999, mas sem extensão para imóveis rurais de caráter especulativo. Estes é que querem ver perdoados os desmatamentos sem licença posteriores à Lei de Crimes Ambientais, que efetivou as disposições pertinentes da Constituição de 1988.

Uma vez separado o joio do trigo, certamente ficará bem menos contenciosa a obtenção de razoáveis ajustes sobre ao menos três dos principais retrocessos que foram oportunisticamente inseridos no substitutivo do Senado: 1) capim em APP como simulacro de atividade pecuária, 2) tamanho de imóvel rural no lugar de categoria de estabelecimento agrícola, e 3) inéditos incentivos à destruição de manguezais.

Dos 55 milhões de hectares roubados às APP, nada menos de 44 milhões estão cobertos de imaginárias pastagens. É inaceitável que crime tão hediondo venha a ser "consolidado". Outros 56 milhões de hectares constituem o hiato entre a área ocupada por imóveis rurais de até quatro módulos fiscais e a área dos estabelecimentos agrícolas familiares. Só minúscula parte desse hiato é de agricultura patronal de médio porte. E dos 1,3 milhão de hectares de manguezais que se estendem por 16 Estados, entre Amapá e Santa Catarina, ao menos 200 mil hectares seriam detonados por salinas e criações de camarão.

Em vez de tomar consciência desses três graves atentados ao patrimônio socioambiental do Brasil, muita gente honesta andou sendo persuadida de que o substitutivo do Senado seria o menor dos males. Principalmente por influência da duvidosa aritmética do colega João de Deus Medeiros, professor do departamento de botânica da UFSC, que foi diretor do departamento de florestas do Ministério do Meio Ambiente (MMA) enquanto tramitou a chamada "reforma" do Código Florestal.

Nessa claudicante avaliação, o substitutivo do Senado levaria à recomposição florestal de 33 milhões de hectares: 18 milhões em reservas legais (RL) de imóveis com áreas superiores a quatro módulos fiscais, quase 13 milhões em APP de margens de cursos d'água (riparias), e quase 2 milhões em APP de topos de morros. Assim, em 20 anos seria parcialmente honrado o compromisso da presidente de impedir reduções de APP e RL, mesmo que com amplo indulto aos criminosos desmatamentos dos últimos 15 anos.

Essa conta nem consegue dourar a pílula, pois é de 83 milhões de hectares a área que não está em conformidade com o Código Florestal. É o que demonstram os estudos coordenados pelo colega Gerd Sparovek, da Esalq/USP. Então, mesmo que fosse admitida a saída de Poliana proposta pelo ex-diretor de florestas do MMA, a promulgação do substitutivo do Senado significaria escandalosa entrega de 50 milhões de hectares à devastação. Pior, sem significativa vantagem real a milhões de abnegados produtores agrícolas, pois o grosso dessa área está simplesmente travestido de pastagem para fazer com que tais domínios passem por estabelecimentos de pecuária de corte extensiva.

Em suma: a melhor saída é atender o clamor dos agricultores por segurança jurídica, para depois tratar a pão e água os especuladores.

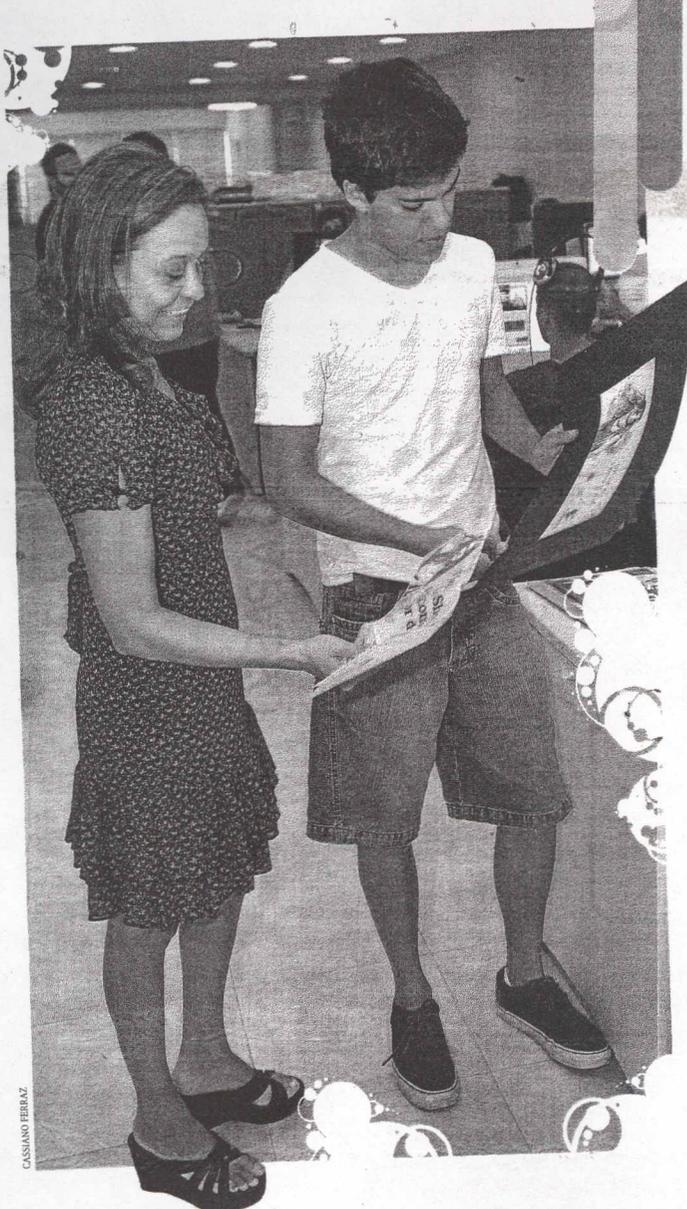
*José Eli da Veiga é professor dos programas de pós-graduação do Instituto de Relações Internacionais da USP (IRI/USP) e do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÉ).
Escreve mensalmente às terças. Página web: www.zeeli.pro.br*



SARAH DE LIZ

A parceria entre o Kzuka e o Vestibular para ajudar a galera na escolha da profissão continua. Decidir qual carreira seguir é sempre uma dúvida. Por mais que o estudante tenha uma ideia do que quer fazer, nada melhor do que ver como a coisa funciona no dia a dia. Pesquisar sobre a realidade do mercado de trabalho e as funções e atribuições mais comuns é superimportante, mas conferir a rotina de perto e conversar com os profissionais que atuam na área é fundamental. E é aí que o Kzuka na Prática entra. Chegou a vez de mostrar um pouco mais do universo da publicidade e propaganda. Para isso, acompanhamos o estudante Artur do Lago, 17 anos, do terceiro ano do Energia, em uma visita à agência OneWG, em Florianópolis.

sarah.liz@kzuka.com.br



CASSIANO PERAZ

... Por que Publicidade?

Artur, que além de estudante também é triatleta, já pensou em prestar vestibular para Engenharia e até Economia, mas a Publicidade e Propaganda falou mais alto e, hoje, é sua primeira opção. Um dos sonhos dele é viver do esporte. E foi justamente por isso que pensou em seguir uma profissão que permitisse, até quando possível, conciliar as duas coisas.

– Minha mãe trabalhava com publicidade e chegava em casa comentando sobre os trabalhos, e eu sempre ficava muito curioso e curtia muito. Adoro comunicação, mas, se pudesse, viveria só do esporte. Sei que depois dos 40 anos fica complicado: ou você trabalha na empresa de um patrocinador ou deve estar preparado para fazer outra coisa. Quero ter uma graduação para poder juntar as duas áreas.

O garoto já pesquisou bastante sobre o assunto e leu várias matérias sobre publicitários bem-sucedidos e superconhecidos. Ele não esconde a vontade de ficar em Florianópolis, mas também tem interesse de prestar vestibular para a USP, em São Paulo.

– Por causa do esporte, Flóripa é uma cidade perfeita para treinar. Mas como o curso na USP é ótimo, fico um pouco dividido.

Além da afinidade com a profissão, o apoio dos pais vale milhares de pontos na hora de escolher o curso. E Artur não precisou se preocupar.

– Meus pais sempre apoiaram qualquer decisão que eu tomasse, desde que não fosse nada perigoso e antiético. Sempre peço a opinião deles, porque são pessoas que têm muita experiência também.

Foi o que esperava? ...

Além de pesquisar bem sobre o assunto, nada melhor do que conhecer o ambiente da profissão. E foi isso que aconteceu com o Artur em sua visita à OneWG. Maira Magno, diretora de unidade de negócios. Quem guiou o estudante no *tour*. Ela explicou o funcionamento de cada setor da agência, e o vestibulando, atento a cada detalhe, pôde aprender um pouco mais sobre o mundo do qual logo fará parte.

– Achei a visita ótima, porque obtive respostas para todas as minhas dúvidas e ainda tive a oportunidade de conhecer coisas que nem imaginava sobre a área. Foi, sem dúvida, a experiência que mais influenciou minha escolha até agora.

Se ainda restava alguma dúvida, agora o garoto já está mais do que certo de que realmente estava no caminho certo e havia escolhido o curso perfeito.

Antes da visita, o estudante disse que pretendia trabalhar com criação, embora acreditasse que, com o tempo, seria possível mudar de ideia.

– Acho muito legal a pessoa trabalhar em cima de uma ideia, criar uma campanha para mostrar o que uma empresa tem para fornecer ao cliente e sempre encontrar argumentos novos e diferentes.

Após a visita, sua atenção voltou-se para a área de planejamento. Durante a visita, ele acompanhou passo a passo uma apresentação feita para um cliente seguindo o *briefing* passado anteriormente por ele para a agência e que reuniu influências de diversos meios, como moda, arquitetura, jornalismo e música.

Sua única preocupação foi em relação aos prazos, sempre apertados, e à carga horária, bem puxada. Mas nada disso foi suficientemente forte para fazê-lo desistir do curso e, muito menos, da profissão.

confira nas páginas centrais ...

KZUKA

... na prática

Levamos o estudante Artur do Lago a uma agência de publicidade. Uma chance e tanto para aprender mais sobre a profissão que quer seguir



Escute quem en



1 A OneWG tem dois núcleos e, por isso, logo que um novo trabalho chega, já se decide qual unidade ficará com a campanha. Mas não é algo fixo e pode acontecer de o cliente mudar de núcleo. Maira Magno é a responsável por uma das unidades, e Beto Torres, pela outra.

"Trabalhar nessa área é bem difícil, porque você tem de ter muito jogo de cintura para cobrar o trabalho da criação que, às vezes, está atrasado, e, ao mesmo tempo, manter o bom relacionamento interno com os colegas. Além de tudo isso, você precisa ser muito organizada. Caso contrário, é muito fácil se perder nas datas."

Rafaela Rombaldi, atendimento.

2 Duas pessoas são responsáveis pela área de atendimento – elas são as únicas que mantêm um contato mais direto com os clientes e produzem o resumo (briefing) com as necessidades de cada empresa.



PASSO A PASSO

"Muitos acham que trabalhar numa agência de propaganda é uma diversão. Na realidade, ser publicitário é, acima de tudo, ser um apaixonado por trabalhar. Somos obcecados, perfeccionistas e quase neuróticos. Acreditam, parece exagero, mas não é! Não temos horários, trabalhamos praticamente 24 horas por dia, em casa, no escritório e até mesmo dormindo. A cabeça não para pensando em soluções, planos, projetos, resultados... Quem gosta pode até ficar cansado, mas certamente estará feliz. A ausência de rotina e o desafio permanente são como um bálsamo para os que amam a propaganda e adoram o que fazem. Os salários são um pouco acima do mercado tradicional de trabalho, mas todo início é sempre difícil e, às vezes, exige começar com algo que parece não ser tão compensador. Diria que as palavras-chave para se vencer na publicidade são persistência, obstinação e dedicação. O resto é como em qualquer profissão, mas, sem dúvida, o importante é conhecimento, aperfeiçoamento contínuo e paixão pelo desafio."

Wilfredo Gomes, presidente da Agência OneWG

"É muito importante que o diretor de criação sempre acompanhe o trabalho para que o cliente esteja satisfeito com o resultado final que será apresentado. No momento em que nos reunimos para analisar o resumo que o cliente passou, já temos de levantar ideias e escolher quais serão as melhores opções."

Josué Orsolin, diretor de criação.

3 Depois de o resumo ser elaborado pelo cliente e pelo atendimento, é hora da criação fazer a sua parte. Antes de começar o trabalho, há uma reunião para pensar em conjunto nas ideias para aquela campanha, sempre seguindo os padrões estabelecidos pela agência. Depois da aprovação do diretor de criação, a próxima etapa é colocar as ideias em prática. Esse trabalho é sempre feito em duplas, que são formadas por um redator e um diretor de arte. O diretor de criação acompanha passo a passo, lapidando o trabalho, para que o resultado final seja aprovado.



5 O trabalho também passa pela área de produção, na qual um responsável monta toda a campanha. Isso inclui, por exemplo, contratar empresas terceirizadas para fazer os áudios se a campanha incluir jingles, ajudar na escolha de atores que mais se identificam com a empresa, em casos de anúncios para TV ou impressos, entre outros.

"O estágio é, sem dúvida, a porta de entrada para muitas profissões. Na publicidade não é diferente. Conseguir participar do dia a dia de uma agência, com certeza, fará com que você descubra se é realmente isso o que busca. Minha dica para quem quer um estágio é começar buscando informações sobre as agências e escolher aquelas que lhe interessam (por afinidade de pensamento, trabalhos, clientes...).

Com essa lista em mãos, mande um simpático e-mail mostrando todo o interesse em trabalhar, junto com um currículo que, mesmo sem experiência, deve conter nome, contato, curso que está fazendo (ou fez) e suas aptidões já focando na área em que pretende trabalhar. A maioria das agências, entre elas a OneWG, também trabalha com empresas de agenciamento de estágio, como o IEL e CIEE, e esse também é um bom canal para se buscar uma oportunidade. Uma vez iniciado o estágio, mostre interesse pelo que faz. Não espere o trabalho chegar ou ser demandado. O que buscamos são profissionais curiosos e ávidos por aprender e conhecer mais. Os que se destacam deixam de ser estagiários para se tornarem profissionais de sucesso."

Maira Magno, diretora de unidade de negócios

"Quando entrei na faculdade, gostava muito da parte de atendimento. Mas depois que comecei a trabalhar em agência, me interessei mais pela mídia. A pessoa que trabalha nessa área tem de ter muitos contatos com empresas de comunicação. As campanhas do governo, por exemplo, têm de ser veiculadas em todos os jornais do Estado, por isso, tenho uma lista de todos de SC. Além da mídia impressa, tenho de manter um bom relacionamento com os outros veículos, ou seja, quando temos uma nova campanha para lançar, meu telefone não para de tocar, porque as empresas de comunicação querem ser lembradas na hora da veiculação."

Suzan Marina dos Santos, mídia.

4 Após a aprovação do diretor de criação, a bola é passada para a mídia, setor responsável pela escolha dos melhores veículos de comunicação (internet, rádio, TV, entre outros) em que a campanha será veiculada.



8 Os dois núcleos estratégicos são um diferencial da OneWG. Três pessoas formam cada equipe que não necessariamente cria, mas busca ideias para fornecer para as outras áreas da agência. Por exemplo, se uma empresa quer fazer algum tipo de promoção, a equipe se reúne e busca as melhores formas para realizá-la.

tende



Página por página

Durante o ano, a professora Cláudia Silveira apresenta para vocês os livros que serão cobrados nas provas do Vestibular UFSC 2013. Nesta edição, um resumo de metade das obras



CLÁUDIA SILVEIRA é formada em Letras Português-Francês e tem mestrado em Literatura Brasileira pela UFSC. Em março deste ano, vai defender o doutorado em Literatura Brasileira também na UFSC. É professora nos cursos de graduação do Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC), autora da obra *Estudos de Textos Para Vestibulares* e do projeto Aulão da Solidariedade

A segunda metade dos livros

Estamos aqui novamente para falar da segunda metade das obras literárias que aparecerão nos vestibulares de SC, mais especificamente na UFSC.

Aqui mesmo na coluna, nós já tratamos de quatro livros: *Memórias de um Sargento de*

Milícias; Amar, Verbo Intransitivo – Idílio; Memórias Sentimentais de João Miramar e Capitães da Areia.

Para os livros abaixo, valem as mesmas dicas gerais: prestem atenção também nas escolas e no momento literário

das obras, porque as provas são interdisciplinares, ou seja, o mesmo tema aparece em várias disciplinas. Ah! E uma dica é estudar bem os livros catarinenses que aparecem na lista: *Geração do Deserto* e *Ecos no Porão, Volume Dois*.



7 Depois de todas as etapas anteriores, o material é entregue para a revisão, que trabalha atentamente, conferindo todos os detalhes. A revisora recebe o trabalho pronto, impresso e, junto com ele, o *briefing* detalhado. Esse processo de verificação inclui, por exemplo, conferir se o telefone anexado está correto, se existem erros na ortografia e até mesmo se a fonte (tipologia) utilizada é a mesma que foi especificada. Em alguns momentos, o revisor também sugere algumas mudanças para o redator que fez o texto, caso perceba que a leitura está um pouco difícil. Depois dessa parte, a campanha retorna para o atendimento, que o apresentará para o cliente.

6 Em seguida, chega a hora da área de estúdio entrar em ação, cuidando da imagem e da arte que entrarão em veículos impressos. O responsável tem de garantir que tudo esteja certo.

O Beijo no Asfalto



Autor: Nelson Rodrigues
Escola Literária: Literatura Contemporânea
Publicação: 1960
Gênero: Dramático – Teatro
Temas: Preconceito, Violência, Intolerância

SINOPSE: em *O Beijo no Asfalto*, o herói é Arandir. Ele comete um ato vergonhoso ao quebrar um tabu da sociedade burguesa: beija, na boca, um homem que fora atropelado, não se esclarecendo por quê. O oportunismo de um repórter inescrupuloso faz o herói e toda sua família sofrerem. Finalmente, ele é assassinado pelo sogro, por ciúmes – motivo que os outros, provavelmente, jamais saberão.

Poesia Marginal



Autores: Diversos
Escola Literária: Literatura Contemporânea
Publicação: 1970
Gênero: Poesia
Tema: Diversos

SINOPSE: o amor, o sexo, a poesia, a política, o medo e a vontade de cair fora, tudo isso aparece nos poemas reunidos neste livro. Todo o clima dos anos 1970 você vai reencontrar aqui, nos versos breves e contundentes de cinco dos mais representativos autores da geração mimeógrafo – Ana Cristina César, Cacaso, Chacal, Francisco Alvim e Paulo Leminski.

Geração do Deserto



Autor: Guido Wilmar Sassi
Escola Literária: Literatura Contemporânea – SC
Publicação: 1964
Gênero: Romance
Tema: A Guerra Do Contestado

SINOPSE: aborda a polêmica dos conflitos religiosos e políticos entre Paraná e Santa Catarina pela posse de terras. O autor, Guido Wilmar Sassi, recria a mentalidade dos caboclos, seus hábitos, crenças, atividades e denúncia, a partir da ficção, os verdadeiros fatos que devem ser destacados como causa da campanha do Contestado: a instalação de multinacionais, a construção da estrada de ferro e a questão administrativa e política entre os estados. Está dividido em quatro partes: Irani, Taquaruçu, Caraguatá e Santa Maria.

Ecos no Porão, Vol. 2



Autor: Silveira de Souza
Escola Literária: Literatura Contemporânea – SC
Publicação: 2011
Gênero: Contos – Antologia
Tema: Cultura Florianopolitana

SINOPSE: Florianópolis é o cenário para uma legião de homenzinhos bizarros fazendo cooper com calções esdrúxulos, velhinhos trovadores, desempregados, avozinhas, solteironas, aposentados, enfim, habitantes da vizinhança da Ilha onde pulsa um coração decrepito, murchando para a vida, que pode ser acordado de súbito por um pequeno incidente, a fuga de um canário ou uma rajada de vento.



O melhor jeito de divulgar

Publicidade e Propaganda

Profissão exige criatividade, organização e sensibilidade. Prazos curtos e correria também são constantes

GABRIELLE BITTELBRUN

Sabe aquele comercial de poucos segundos na televisão que te faz prestar muita atenção em um produto e ainda pensar: como alguém conseguiu imaginar isso? Pois é, essa é uma das funções de um publicitário. Esses profissionais podem, ainda, trabalhar no planejamento das campanhas, lidar com os fornecedores, entrar em contato com os meios de comunicação ou ainda se voltarem para eventos. O objetivo final é fazer com que o público saiba que produto existe e deseje comprá-lo.

Para isso, como explica o professor da Univali Alvaro Roberto Dias, o publicitário precisa gostar de conversar com as pessoas e ter sensibilidade para encontrar a melhor maneira de transmitir uma mensagem. Aqueles que forem trabalhar no setor de criação ainda precisam de uma dose ex-

tra de criatividade. O professor dá a dica de onde encontrá-la.

– Fecha o Facebook e vai para a rua. As grandes novidades estão no supermercado, no cinema – destaca.

O curso de Publicidade e Propaganda tem duração mínima de sete semestres. Os primeiros, têm mais disciplinas teóricas, como comportamento do consumidor e teorias da comunicação. A partir do terceiro, os estudantes começam a realizar projetos publicitários, mais práticos.

Para Alvaro, o aluno desse curso precisa ter consciência de que não é o culpado pela sociedade consumista.

– O consumo existe e a função do publicitário é oferecer essas opções para as pessoas. Mas ninguém é obrigado a ler o anúncio, a comprar o produto. O cliente lê e compra se quiser – considera.

gabrielle.bittelbrun@diario.com.br



“O publicitário é tão culpado do consumo atual quanto o jornalista, a novela e os estímulos da sociedade como um todo. O consumo, na verdade, vai da consciência de cada um.”

ALVARO ROBERTO DIAS,
PROFESSOR DE CRIAÇÃO
PUBLICITÁRIA DA
UNIVERSIDADE DO VALE
DO ITAJAÍ (UNIVALI)

MERCADO DE TRABALHO

“Como em toda a área, o publicitário precisa batalhar por um lugar no mercado. O mercado já está instituído, com agências bem montadas e muitos profissionais, por ser uma área muito atraente. É possível trabalhar nas agências de propaganda, em departamentos de marketing nas empresas, em produtoras e até em emissoras de rádio e televisão.

DO QUE É PRECISO GOSTAR

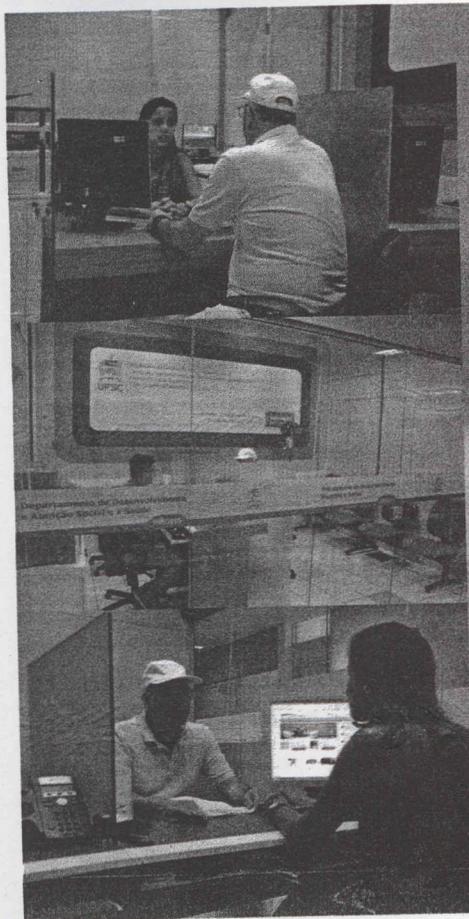
“O principal é que o aluno goste de pessoas e de conversar. Ele vai ter que identificar as pessoas mais adequadas, os meios adequados e a linguagem certa de comunicação, para que o público se motive”.

DO QUE É MAIS DIFÍCIL

“Manter-se atualizado e no pique sempre. Para se renovar, tem que fazer compras de supermercado, ir ao cinema, viver. A melhor maneira de se renovar é estar lá fora. Também é importante ler, ver televisão, acessar jornal online.

SALÁRIOS

“Pode começar como estagiário e ganhar um ou dois salários mínimos. Depois, pode chegar a ganhar R\$ 5 mil, R\$ 6 mil seis mil, vai depender muito da realidade de atuação do profissional.



Plano de saúde

Para facilitar o atendimento dos usuários do Plano de Saúde dos servidores docentes e técnico-administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina, a Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social (PRDHS) criou uma estrutura com sala própria no andar térreo da Reitoria, onde uma equipe presta todas as informações que os beneficiários procuram. Isso evita o deslocamento até a sede da Unimed, no centro de Florianópolis, para solucionar questões que podem ser resolvidas rapidamente no campus. Mais informações no site www.planodesaude.ufsc.br

INFORME PUBLICITÁRIO

Fotos: Reprodução/UFSC - Fátima Wehler/UFSC - Jô Soares/UFSC